

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	02	12	F40	01
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Olinda
MUNICÍPIO / UF	Olinda/PE

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Maracatu Nação Axé da Lua
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Maracatu Axé da Lua; Axé da Lua.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	José Maria de Farias (Malu)	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Cabelereiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 11/01/1957
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☒ OUTRO: PRESIDENTE	

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01



Foto 01

Descrição: Dama do Paço e Calunga do Maracatu Nação Axé da Lua

Localizador (anexo 2 n° 786)



Foto 02

Descrição: Rei e Rainha do Maracatu Nação Axé da Lua

Localizador (anexo 2 n° 786)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01



Foto 03

Descrição: Estandarte do Maracatu Nação Axé da Lua

Localizador (anexo 2 nº 786)



Foto 04

Descrição: Batuqueiros do Maracatu Nação Axé da Lua

Localizador (anexo 2 nº 786)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Maracatu Nação Axé da Lua, com fundação em 12/03/98, é um maracatu nação composto de cortejo, possuindo: corte real (rei, rainha, príncipes e princesas, casais nobres), damas do paço, damas de frente, vassalos, soldados romanos, baianas de cordão, lanceiros e caboclo de penas; e batuque contendo: alfaias, taróis, caixas, mineiros e gonguê. O referido maracatu tem como uma de suas características marcantes o fato de ter sido um grupo cultural que trabalhava com múltiplas linguagens de dança e percussão e por conta da militância em movimentos negros por parte de suas lideranças. O símbolo da nação, estampado em seu estandarte, é uma coroa com dois peixes em suas laterais, em homenagem à Iemanjá, que é um dos orixás que regem o terreiro, responsável pelas obrigações do maracatu. As cores oficiais do grupo são azul marinho (Ogum), branco (Oxalá) e amarelo (Oxum), em homenagem aos orixás que regem a cabeça (*ori*) de Malu. Ogum é também o orixá patrono deste maracatu nação.

O grupo realiza apresentações no período carnavalesco, solicitadas pela Prefeitura da Cidade do Recife e Prefeitura de Olinda. É por meio dessas apresentações e subvenções para o carnaval que o grupo obtém seu sustento. O grupo também confecciona alguns instrumentos musicais como alfaias, porém não os comercializa. No ano de 2010, ele gravou um CD por meio do projeto do Inventário Sonoro dos Maracatus Nação Pernambucanos, mas também não comercializa o CD até o momento. Os participantes da referida nação são, em sua maioria, pessoas provenientes da comunidade onde está localizado o maracatu, Peixinhos, porém existem alguns batuqueiros que residem em outros municípios como Recife, Paulista e Itapissuma. O batuque conta com cerca de 60 pessoas, em sua maioria, adolescentes do sexo masculino. Já o cortejo conta com cerca de 120 pessoas, sendo a maioria, mulheres e de faixa etária heterogênea. É importante ressaltar, que essa quantidade de pessoas no maracatu ocorre no dia do desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas da Cidade do Recife (vide ficha correspondente), uma das celebrações de maior relevância no calendário dos maracatus nação. Em outras apresentações a quantidade se reduz, principalmente no cortejo. As principais lideranças do grupo são José Maria de Farias, conhecido como Malu, presidente da agremiação, Quênio de Ogum, babalorixá (pai de santo) responsável pelas obrigações do maracatu, a Rainha Yone de Oxum, as Damas do Paço Zeni de Oxum e Elza de Iansã. O grupo possui duas calungas (bonecas de madeira ou pano consideradas sagradas pelos maracatuzeiros; para maiores informações vide ficha correspondente), uma delas representa Oxum e se chama Dandara, a outra já foi confeccionada e está passando por um ritual de sacralização para colocar nela os fundamentos religiosos e para se definir qual será seu nome. Neste grupo, as calungas são cultuadas como eguns (espíritos dos ancestrais). Os ensaios do maracatu ocorrem na sede localizada na Rua Armindo Moura, 106, nos domingos à tarde, se iniciando em maio e se estendendo até o carnaval. O Maracatu Axé da Lua transita entre os grupos 2 e grupo de acesso no concurso das agremiações. As celebrações mais relevantes para o Maracatu Axé da Lua se situam no período carnavalesco, como o desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas, organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife, e a Noite dos Tambores Silenciosos (vide ficha correspondente). O grupo não se apresenta na Abertura do Carnaval (vide ficha correspondente), pois, desde 2011 somente os maracatus nação que desfilam no grupo especial do concurso de agremiações e os primeiros colocados do grupo 1 é que podem participar. Esses novos critérios não agradaram aos maracatuzeiros que não obtiveram boas colocações no grupo 1 ou que participam dos grupos 2 ou de acesso. Desde então, a Associação dos Maracatus Nação Pernambucanos (AMANPE) negociou com a Prefeitura da Cidade do Recife outro evento para que o restante dos maracatus pudessem se apresentar e receber cachê: a Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos. No restante do ano a nação raramente se apresenta. Desde 2009, o referido grupo é membro da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE).

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

O bairro de Peixinhos, situado em Olinda, é um bairro de periferia situado próximo ao rio Beberibe. Sua ocupação se iniciou por volta de 1874, com a construção do Matadouro Industrial de Olinda, que funcionou até a década de 1970. A inauguração da Fábrica Fosforita Olinda/AS, em 1957, também contribuiu para o crescimento populacional do bairro, que possuía grande parte de seus moradores trabalhando no matadouro e na fábrica. A partir de então, o bairro se desenvolveu e hoje possui escolas como a Sarah Kubitschek, a Monsenhor Fabrício, postos de saúde, bancos como o Itaú, que se localiza próximo à sede do Axé da Lua, além de uma grande quantidade de mercados e lojas de comércio popular que lotam a principal avenida que corta o bairro, a Presidente Kennedy. O antigo matadouro tornou-se um centro cultural denominado Nascedouro de Peixinhos. O bairro conta também com significativa quantidade de terreiros e igrejas evangélicas. Por fim, como a maioria dos bairros das periferias urbanas, Peixinhos sofre com o saneamento básico precário, falta de energia e ruas não pavimentadas. A Rua Armindo Cardoso Moura se inicia a partir da Avenida Antônio da Costa Azevedo e termina ao desembocar na Av. Presidente Kennedy. Os maracatus nação, de um modo geral, possuem outros lugares em comum onde realizam algumas atividades e celebrações, porém não caberá a estas fichas individuais de cada nação a descrição geral desses lugares. (Para mais informações sobre outros lugares

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

relacionados aos maracatus nação de forma geral, vide fichas de lugares ou anexo 3 desse INRC)

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A sede do Axé da Lua se situa dentro de um conjunto de casas conjugadas, sendo que na mesma edificação existe um pequeno comércio que tem entrada pela Rua Armindo Cardoso Moura, 106. No entanto, esse comércio não possui ligação com a sede. No seu entorno existem outras edificações de características arquitetônicas diversas. A edificação não possui uma fácil visibilidade na posição que ocupa na rua, e na sua fachada não existe nenhuma identificação de que nela funciona uma sede de agremiação. A sede não possui um recuo de lote frontal e possui uma esquadria de madeira na entrada. A divisão de cômodos na residência se dá da seguinte forma: uma sala (ocupada com algumas fantasias e adereços da agremiação), um quarto onde não há esquadrias ou qualquer outro tipo de divisória (onde ficam guardadas as alfaías e arranjos de cabeça), uma cozinha e um banheiro. A cobertura da residência é de telhas Brasilit. A fachada da sede não possui revestimento, nesta existem duas esquadrias em madeira (porta e janela também sem revestimento). Para maiores informações, vide ficha de Sede do Maracatu Nação Axé da Lua.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Na sede ocorrem os ensaios, reuniões administrativas, confecção de instrumentos e parte dos figurinos e celebrações, como a festa de aniversário do grupo. Vale ressaltar que nos ensaios a comunidade é atraída pelo som, muitas vezes assistindo ao evento.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

O período carnavalesco é, sem dúvida, o mais importante para os maracatus nação, assim como para o Maracatu Axé da Lua, pois nele se concentram as celebrações onde os maracatus têm maior visibilidade como a Abertura do Carnaval, desfile do Concurso de Agremiações Carnavalescas e Noite dos Tambores Silenciosos. Por essa razão, nos meses que antecedem os festejos, as atividades do Axé da Lua se intensificam. No restante do ano, o grupo raramente realiza apresentações, nem a convite da iniciativa pública ou mesmo privada.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

José Maria de Farias, mais conhecido como Malu, nasceu e vive até hoje no bairro de Peixinhos, Olinda, em 11/01/1957. Filho de José Sandro de Farias e Rita Maria Pereira Farias, que criavam animais e possuíam uma venda, Malu teve infância humilde, estudando até a 4ª série. Seus pais tiveram mais cinco filhos, além dele. Na sua infância, o bairro de Peixinhos era habitado por pessoas de baixa renda, que muitas vezes almejavam conseguir um emprego no então Matadouro de Peixinhos. Ele afirma que o estabelecimento era marcante para a comunidade, não só pelos empregos que gerava, mas também pelo caminho que buscava os restos apodrecidos dos animais mortos. Malu relata que muita gente pegava os restos em melhor estado para comer. Apesar das dificuldades, Malu conta que gostava muito de ir atrás das agremiações da comunidade. Ele tem lembrança de um maracatu que pertencia a uma senhora, conhecida por Dona Preta, mas seguia também outros grupos de cultura popular como pastoris, e mais tarde, escolas de samba, como a Galeria do Ritmo, em Recife. Ao participar ou acompanhar esses grupos de cultura popular, ele foi se tornando um ativista cultural e militante negro. O resto de sua família não se envolveu com militância. Sua

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

mãe sempre o incentivou a estudar e fazer cursos, sendo assim, Malu aprendeu os ofícios de serralheiro industrial, soldador de trio elétrico pelo DEPA (Departamento de Aprovação Profissional do Adulto) em Peixinhos, além de cabeleireiro. Ainda na juventude entra para o xangô (denominação da religião dos orixás em Pernambuco), sendo filho de santo de Raminho de Oxóssi. Malu afirma que morou em São Paulo por 10 anos e lá era frequentador das escolas de samba, como Nenê de Vila Matilde. Voltando para Olinda, continuou a participar ativamente de grupos culturais ou agremiações, além de realizar militância negra. Envolveu-se com afoxés, grupos de samba reggae e também no Maracatu Leão Coroado de Luiz de França, no período em que o Movimento Negro Unificado participou da agremiação. Em 1988, ele funda o grupo cultural Axé da Lua em Peixinhos.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

No final da década de 1980, Olinda vivia momentos de efervescência cultural relacionados com a militância negra. Nesse sentido, enquanto algumas pessoas ligadas aos movimentos negros atuavam dentro das universidades ou partidos políticos, outros buscavam exercer a militância também pela prática cultural. Por esta razão, no fim daquela década, as ruas de Olinda ficavam cheias de afoxés e blocos afros, estes trabalhando geralmente como o ritmo denominado “samba reggae”, com origens na Bahia. No referido estado, esses grupos, diferentemente dos maracatus nação pernambucanos, já eram associados à militância, e o mesmo enfoque surgiu em Pernambuco. Alguns dos afoxés e blocos surgidos nesse período foram os afoxés Ará Odé, Alafin Oyó, o grupo Lamento Negro, Semente Negra, Reflexo da África, dentre outros. Foi neste contexto que, em 1988, Malu que já era militante e ativista cultural, reúne seus colegas e funda o “Grupo Cultural Axé da Lua”. As supostas influências da Bahia fizeram com que esses grupos sofressem preconceito por parte de pessoas que insistiam que eles deveriam abandonar tais práticas e valorizar a cultura negra pernambucana. Como justificativa, alguns participantes dos afoxés e blocos afro diziam que tais práticas não eram baianas, mas, antes de tudo, africanas e que por isso pertenciam aos negros de um modo geral. O Grupo Cultural Axé da Lua desfilava em bloco e executava os ritmos considerados baianos como o afoxé e o samba reggae, mas também tocavam coco, ciranda e maracatu, privilegiando a cultura local. Sobre essa questão, Malu afirma: *“porque o afoxé, no caso os afoxés de Olinda, serviram muito para acordar as pessoas. No sentido cultural. Só que as pessoas tinham um preconceito muito grande. Afoxé é da Bahia! Como na realidade não é da Bahia, é dos negros nossos. Então por isso que a gente começou, utilizou outros ritmos que estavam na moda, no caso. Serviram para acordar o nosso povo e para começar uma produção da cultura pernambucana mesmo, do povo, da ciranda, do maracatu”*.

Junto dos outros grupos, o Axé da Lua organizava diversos eventos culturais nas ruas, proporcionando momentos de descontração e também de conscientização para todos os presentes. Nesse contexto, destacam-se os eventos para a celebração do dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, onde, mesmo com pouca verba, os grupos organizavam o evento, faziam ampla divulgação e realizavam grandes celebrações.

Em 12/03/1998, o grupo resolve dar atenção a uma única linguagem e decide se tornar um maracatu nação. Para isso, ele firma seus fundamentos religiosos através do terreiro denominado Ilê Axé Obá Esô, pertencente ao babalorixá Quênio de Ogum, situado em Igarassu, com quem mantém vínculos até hoje. A sede do grupo se manteve a mesma, na Rua Armindo Cardoso Moura, 160, e os figurinos passaram a ser confeccionados somente no estilo dos maracatus nação. O mesmo ocorreu com os instrumentos, que desde então passaram a ser alfaías, caixas ou taróis, ganzá e gonguê. Eles obtiveram auxílio de Arlindo Carneiro dos Santos, principal articulador do Maracatu Nação Cambinda Africano, para compor o batuque, sendo que o mesmo fornece seu apoio até os dias de hoje. Apesar de ter se transformado em um maracatu nação, o Axé da Lua não abandonou sua militância, manifestando seus valores e questionamentos por meio das loas do grupo, compostas majoritariamente por Malu. A melodia de tais loas, sem dúvida, reflete as influências do período em que o grupo trabalhava com a linguagem dos afoxés e grupos de samba reggae. O grupo conta apenas com as subvenções e cachês pagos no período carnavalesco pelas prefeituras de Recife e Olinda. Portanto para ajudar a organizar o maracatu e “colocá-lo” na rua, Malu trabalha como cabeleireiro, camelô, vendedor ambulante, além de ajudar na costura e confecção de adereços, figurinos e instrumentos para o maracatu. O fato de o grupo pertencer a Olinda faz com que ele também participe de apresentações na cidade. Já os maracatus de Recife não têm por hábito participar ativamente do carnaval de Olinda. Isso ocorre por conta de questões políticas e mesmo de rivalidade entre os maracatus do Recife e alguns maracatus ou grupos percussivos que desfilam somente em Olinda. O Axé da Lua permaneceu muitos anos sem participar do Concurso das Agremiações Carnavalescas por não concordar com o seu formato, organização, cachês e modo de avaliar as agremiações. No entanto, por conta da falta de incentivos financeiros que dessem melhores condições para a manutenção do maracatu, em 2009, eles desfilaram pela primeira vez como aspirante, desfilando novamente em 2010 já no grupo 2. Ao tomarem parte no concurso, eles passaram a receber uma subvenção para a organização do maracatu, além de poderem receber prêmios em dinheiro, caso o grupo obtenha boas colocações no concurso. Malu diz não concordar com a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

existência do concurso, pois ele faz com que os grupos se tornem rivais ao invés de lutarem em favor de uma mesma causa.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O Axé da Lua é um grupo peculiar, que tem como particularidade o fato de ter sido nas décadas de 1980 e 1990 um grupo cultural que tocava afoxé, samba reggae, influências estas que se refletem principalmente em suas loas (Malu não utiliza o termo toada). Tal reflexo mostra-se não só no conteúdo, que aborda temas políticos como desigualdade social, violência e racismo, como também na associação desses temas à evocação e louvores aos orixás. Deste modo, o conteúdo presente nas loas do Axé da Lua se assemelham aos conteúdos presentes nos afoxés e blocos afro baianos, ritmos executados pelo grupo antes de assumir a identidade de maracatu nação. A melodia das loas, também seguem os mesmos padrões melódicos dessas mesmas manifestações. Tal característica não está presente no restante dos maracatus (com a exceção do Cambinda Estrela, que utiliza temas políticos, porém nas estruturas métrica e melódica das toadas tradicionais (vide ficha de toada/loa ou ficha do Maracatu Nação Cambinda Estrela)). Desse modo, poderia ser considerada uma inovação, tal qual os novos modos de se tocar e se dançar o maracatu. No entanto, Malu não considera seu modo de compor e cantar as loas como uma inovação. Ele, inclusive, adota uma postura que busca privilegiar as práticas consideradas antigas no maracatu, para que ele não se descaracterize. Por essa razão, a utilização de instrumentos, os modos de tocar e dançar no Axé da Lua são uma tentativa de preservar o perfil dos antigos maracatus. Sendo assim, o grupo não utiliza abês e atabaques, não possui um baque sistematizado, não realiza passos "estilizados" na dança apresentada no cortejo e nem contrata grupos de dança para participar do desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas.

Por conta de suas origens (por ter sido um grupo cultural no passado), alguns maracatuzeiros o acusam de ser um grupo percussivo. No entanto, Malu afirma que o que diferencia um grupo do outro são os vínculos religiosos, a manutenção de práticas consideradas tradicionais nos maracatus nação e a participação de pessoas de periferia, perfil no qual o Axé da Lua, nas palavras de Malu, se encaixa.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1988	Fundação do Grupo Cultural Axé da Lua.
12/03/1998	O grupo cultural se torna um maracatu nação.
2009	O grupo desfila, pela primeira vez, no grupo de acesso do Concurso das Agremiações Carnavalescas.
2010	O grupo desfila, pela primeira vez, no grupo 2 do Concurso das Agremiações Carnavalescas.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O grupo realiza apresentações no período carnavalesco, com a subvenção da Prefeitura da Cidade do Recife, além do CD produzido pelo projeto de Inventário Sonoro dos Maracatus Nação de Pernambuco, que não é comercializado. Além disso, possui também como produtos, objetos rituais e cênicos, figurinos, adereços, danças, música (loas toadas e baques) e instrumentos musicais.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Apresentação	As apresentações do Maracatu Axé da Lua são realizadas, em sua grande maioria no período carnavalesco, por meio de contratos com a Prefeitura do Recife. Desse modo, os ensaios para sua execução são realizados semanalmente a partir do mês de setembro. Os batuqueiros são todos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	02	12	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	avisados sobre a agenda de apresentações e geralmente se concentram na sede do grupo, para aguardarem juntos pela chegada do ônibus que os levará até o local e os trará de volta à sede. A remuneração pela apresentação, no caso de contratos com a prefeitura, ocorre geralmente algumas semanas após o evento.
--	--

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
Mestre (Arlindo)	Conduzir o batuque.
Presidente da agremiação (Malu)	Gerir demandas (negociar e agendar apresentações, comprar material para compor as vestimentas, instrumentos, organizar viagens, dialogar com os órgãos de cultura, agilizar documentos, etc) e “puxar” as loas.
Batuqueiros	Executar a música do maracatu atendendo aos comandos do mestre.
Rainha da agremiação (D. Yone de Oxum)	Zelar pela realeza do Maracatu Nação.
Cortejo	Executar a dança do maracatu e representar a corte real, elemento considerado importante por grande parte dos maracatuzeiros, por ser tradicionalmente parte constituinte da manifestação e por trazer consigo forte carga simbólica. Apesar desse contexto, o cortejo nem sempre é solicitado em todas as apresentações, por vezes, os maracatus se apresentam somente com o batuque ou com alguns personagens da corte como rainha, rei e damas do paço.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	As apresentações do Axé da Lua geralmente limitam-se ao período carnavalesco, portanto, a maioria delas ocorre nas ruas da região central do Recife. Por vezes, quando são chamados para se apresentar em algum polo específico da cidade, alguns maracatuzeiros sobem ao palco, como mestre e vocais quando houver, ou mesmo alguns personagens da corte, enquanto o batuque, por conta de seu tamanho, geralmente permanece na pista.
QUEM PROVÊ	O contratante da apresentação, no caso do Axé da Lua, é geralmente a Prefeitura da Cidade do Recife.
FUNÇÃO	Criar condições estruturais para a realização da apresentação.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Existe uma diversidade muito grande de matérias primas e ferramentas de trabalho utilizados nos diversos produtos patrimoniais dos maracatus nação. A maioria desses produtos possui ficha específica dentro deste INRC, como figurino, dança, instrumentos, dentre outros. Portanto, para mais informações acerca da construção e execução desses produtos, vide anexo 3 para a lista de bens culturais inventariados, para assim encontrar a respectiva ficha sobre produto patrimonial, seja ela na categoria de formas de expressão, ofícios e modos de fazer, dentre outras.
QUEM PROVÊ	Vide anexo 3 e fichas correspondentes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Vide anexo 3 e fichas correspondentes.
DISPONIBILIDADE	Vide anexo 3 e fichas correspondentes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO		PE	01	02	12	F40	01
---	--	----	----	----	----	-----	----

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não existem comidas ou bebidas relacionadas diretamente ao maracatu. Existem comidas oferecidas em celebrações como aniversários ou demais eventos, variando de grupo para grupo. No caso do Axé da Lua, as comidas indiretamente ligadas ao maracatu são aquelas oferecidas nas obrigações para o carnaval para as calungas, os orixás do terreiro, ou seja, de exu a oxalá e eguns. A eles, geralmente, são oferecidos bodes, galinhas, comidas secas (comidas de orixás e entidades, que não são sacrifícios animais), frutas e bebidas como cachaça e vinho. Vale salientar, que no terreiro que realiza as obrigações para este maracatu os animais oferecidos aos orixás não são mortos, mas sim soltos na mata. No grupo, as calungas são cultuadas como eguns, portanto o alimento que elas recebem são os mesmos fornecidos a eles. (Para mais informações acerca de comidas oferecidas em contexto religioso nos maracatus, vide ficha de celebração de Obrigações Religiosas deste INRC).
QUEM PROVÊ	O próprio maracatu.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A comida funciona como agente de socialização nas festas e como oferecimento às entidades, no caso das obrigações religiosas.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	São considerados objetos rituais aqueles que possuem uma dimensão sagrada. Neste caso, aqueles que receberam algum tipo de obrigação religiosa ou que são resguardados em locais especiais. No caso do Axé da Lua, esses objetos são as calungas e 4 alfaias, que ficam na linha de frente do batuque. A obrigação ocorre cerca de quinze dias antes do carnaval; trata-se de um ritual fechado, que conta com a participação do babalorixá e seus auxiliares, além de Malu, das damas do paço do maracatu e dos batuqueiros responsáveis pelas 4 alfaias. Esses batuqueiros são ogãs (denominação da função dada aos filhos de santo do sexo masculino que não incorporam entidades ou divindades) da própria casa ou de outros terreiros. As damas do paço e os batuqueiros que tocam as alfaias de obrigação precisam entrar em resguardo durante sete dias após a obrigação (para mais informações acerca de objetos rituais, vide ficha de Obrigações Religiosas e de Calunga deste INRC).
QUEM PROVÊ	As calungas foram confeccionadas por artesãos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tais objetos são sacralizados para oferecer proteção ao maracatu, para que assim as entidades fiquem sempre por perto, não deixando que nada de ruim aconteça com a agremiação. Essa preocupação com as coisas ruins que possam acontecer é por conta da crença de que no carnaval, festa profana por excelência, as energias mundanas, “da rua” estão muito presentes, sendo perigosas. O carnaval é considerado pela grande maioria dos maracatuzeiros entrevistados como sendo a festa da carne, da bebida, onde o exagero é permitido nas diversas esferas do comportamento humano, e, por essa razão, o maracatu nação, que é considerado sagrado pela mesma maioria de maracatuzeiros, precisa se proteger.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Neste maracatu as roupas são de variadas cores, feitas, em sua maioria, de veludo, cetim, lamê, paetê, brocado, cambraia, dentre outros. São poucos os figurinos que possuem bordados em paetês, pois estes custam caro e demoram muito para serem feitos. Malu acredita que os tecidos que já são estampados também conferem muita beleza ao maracatu e são mais práticos. As saias ganham volume e dimensão por possuírem uma armação de fios de metal flexível, geralmente, duas grandes circunferências na metade e na barra da saia que lhes dá uma forma abalonada, sobre a qual se estende todo o tecido, proporcionando grandiosidade ao figurino. Nesse padrão enquadra-se a roupa da rainha, baianas ricas e casais da nobreza. As blusas, em sua maioria, possuem decotes discretos e mangas muitas vezes revestidas de uma camada de espuma para produzir o efeito de grande volume, tornando-as mais armadas em função deste recurso. Os homens vestem calças abaixo do joelho e camisas com enormes mangas, feitas com o mesmo tipo de tecido acima citado. Como acessórios utilizam ainda, capas, chapéus ou boinas enfeitados com plumas e
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO		PE	01	02	12	F40	01
---	--	----	----	----	----	-----	----

	lantejoulas, luvas, meias e sapato estilo Luís XV. De maneira geral, o figurino dos homens e das mulheres da corte é inspirado nas vestimentas das cortes europeias do século XVIII. O figurino de outras alas, como a das escravas de balé e lanceiros, é feito também com tecidos mais leves como cetim, ou mesmo rústicos, como algodão, e possuem búzios e palha da costa, caracterizando-se num tipo de estética africana. As baianas de cordão ou catirinas utilizam saia, bata e torso de tecidos simples, geralmente chitão; suas saias não possuem armação. O caboclo Arreamar apresenta-se com um figurino característico de um índio, ou seja, com uma saia de penas e adornos nos braços e tornozelos. Na cabeça usa uma espécie de cocar, de formato redondo, ricamente enfeitado com penas diversas, destacando-se as penas de pavão. Nas mãos empunham uma preaca, espécie de arco e flecha também usada no caboclinho. No batuque, as vestes são em algodão ou linho, por serem tecidos leves e baratos, geralmente nas cores da nação. Os batuqueiros vestem calça e camiseta simples com o nome e símbolo da agremiação estampado. O Maracatu Axé da Lua empresta os figurinos para as pessoas que desejem desfilar e tomam de volta após o desfile ou apresentação. (Para mais informações sobre figurinos e adereços, vide anexo 3).
QUEM PROVÊ	Os figurinos são desenhados e confeccionados pelos costureiros Carlinhos Santos e Luis Aragão, que fazem parte da agremiação desde que ela era um grupo cultural. Os dois também desfilam no maracatu e são remunerados pelo seu trabalho. Salienta-se que todas as agremiações carnavalescas que participam do concurso recebem subvenções da Prefeitura da Cidade do Recife com vistas à preparação para os desfiles do carnaval.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Inicialmente, o figurino tem como função caracterizar a corte real, que é acompanhada pelo batuque. Além disso, torna-se importante por ser um dos itens avaliados no desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas, organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife. Esse aspecto é comum a todas as nações que fazem parte do concurso. Além do que já foi apontado, o figurino é um meio de se reforçar a identidade do grupo, visto que, apesar das semelhanças entre os estilos e modos de fazer de cada nação, eles ainda possuem especificidades em cada grupo. Essas pequenas diferenças podem não ser tão evidentes aos olhos dos leigos, mas geralmente são percebidas no meio maracatuzeiro.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	A dança do Maracatu Nação Axé da Lua é muito semelhante à dança realizada por outros maracatus nação. É preciso esclarecer que a dança tradicional do maracatu nação na maioria das vezes não apresenta passos ou coreografias ensaiadas, mas se trata de um movimento corporal livre e espontâneo com movimentos expressivos nos braços. O movimento dos pés é mais contido com a sola inteira no chão, ou seja, não fazem ponta, e, ao longo do percurso, podem ocorrer giros, que ficam muito bonitos devido as saias rodadas que as maracatuzeiras utilizam. A dança segue a mesma cadência do batuque. Diferentemente da parte percussiva, que possui variações marcantes de nação para nação, na dança essas diferenças, se existem, não são percebidas com facilidade, sendo bem sutis. A dança é realizada de maneira espontânea pelas pessoas do grupo, e quem quiser aprender basta frequentar os ensaios do batuque, onde sempre há pessoas dançando dispostas a ensinar. Os lanceiros e as baianas de chitão, ou catirinas, têm por especificidade o fato de desfilarem em cordão, ou seja, eles circulam o cortejo o tempo inteiro, enquanto outras personagens somente atravessam a passarela. A ala dos lanceiros não realiza exatamente a dança do maracatu, na maioria das vezes, eles correm ou saltitam empunhando suas lanças. Existe a crença, por parte da maioria dos maracatuzeiros, de que a dança do maracatu se originou nos terreiros. Não existe certeza sobre essa informação, já que a documentação histórica é escassa, porém, não se pode negar que os dois tipos de dança são extremamente próximos, seja em seu pulso, ou mesmo nos movimentos corporais. O personagem caboclo arreamar, indispensável no cortejo dos maracatus nação, realiza passos similares aos brincantes de caboclinho. Já o porta-estandarte realiza passos do maracatu em meio a trocadilhos de pé, enquanto faz malabarismos com o estandarte. O Axé da Lua fornece uma remuneração simbólica, conhecida como "agrado" no vocabulário dos maracatuzeiros, a alguns personagens do cortejo como damas do paço, rainha e rei (para mais informações sobre a Dança dos maracatus, vide ficha de formas de expressão de dança desse INRC).
QUEM EXECUTA	Os maracatuzeiros da comunidade. O grupo não contrata quadrilhas juninas ou outros grupos de dança para comporem os outros personagens do cortejo, conta apenas com as pessoas que aparecem voluntariamente para desfilar.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO		PE	01	02	12	F40	01
---	--	----	----	----	----	-----	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança é importante para caracterizar um maracatu nação. No entanto, se em tempos mais antigos não era possível conceber um maracatu nação sem a dança, hoje em dia, por vezes, os maracatus nação apresentam-se somente com seu batuque. Isso aponta para um caminho de desprestígio do cortejo e da dança em relação ao batuque e sua música já que a dança por vezes é dispensável e o batuque não. Para Malu, a dança é algo que tem de ser preservado nos maracatus nação em sua forma de expressão antiga, que ele denomina “primitiva”. Nesse sentido, ele é contra a atitude de maracatus nação que colocam alas coreografadas no cortejo, realizando passos, considerados por ele como estilizados. A dança “primitiva” do maracatu é compreendida por Malu como uma representação do sonho que os negros escravos tinham de voltar para a África. Deste modo, o movimento dos braços remete ao ato de remar.
-----------------------------	---

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	O Maracatu Axé da Lua possui, em seu repertório, toadas de domínio público, mas, majoritariamente, loas compostas por Malu. O maracatuzeiro reforça que o termo “toada” refere-se às canções cantadas nos contextos religiosos. Por isso, usa o termo loa, que considerada mais abrangente e adequada ao contexto dos maracatus. As loas do Axé da Lua possuem, por vezes, temáticas tradicionais (sobre o próprio maracatu, sua corte real, símbolos e lugares), mas se destacam, principalmente, pelo conteúdo político que se faz presente como a opressão vivida pelos negros escravos no passado, e negros supostamente livres na atualidade, as desigualdades sociais, racismo, violência, dentre outros. As loas do grupo também possuem uma particularidade na quantidade de versos e melodias. Muitas delas possuem uma quantidade muito grande de versos, por vezes mais de 20, além de refrão. Vale salientar que as toadas consideradas tradicionais possuem cerca de 4 a 8 versos. A melodia das loas, bem como seu modo de cantar e conteúdo, aproximam-se muito das canções dos blocos afro da Bahia, que executam um ritmo que ficou conhecido como samba-reggae. É importante lembrar que, no fim da década de 1980, o gênero se tornou popular no Recife, inclusive, em torno dos militantes negros, como era o caso de Malu, que na época, havia fundado o Grupo Cultural Axé da Lua. Percebe-se que as referências culturais desse período se refletem na estruturação das loas do grupo. O baque desse maracatu tem como base o baque de marcação chamado luanda e virações em cima desse baque. No entanto, essas virações não são sistematizadas, ou seja, elas se iniciam e se encerram livremente durante o baque e as loas, além de serem executadas de maneira muito autônoma, diversificada e espontânea pelos batuqueiros, como se cada um deles virasse o baque a seu modo. Por essa razão, o baque do Axé da Lua aproxima-se do que o antropólogo Ernesto Ignácio de Carvalho (vide bibliografia, anexo 1) classifica como sonoridade antiga nos maracatus. Os batuqueiros do Axé da Lua recebem uma remuneração simbólica por tocarem no maracatu. (Para mais informações sobre a música do maracatu nação, vide fichas de forma de expressão de Toada/Loa, Baque, ou mesmo fichas de modo de fazer de Mestre e Batuqueiro deste INRC). O batuque do Axé da Lua é mestrado por Arlindo, do Maracatu Cambinda Africana.
QUEM PROVÊ	As loas são compostas e cantadas por Malu, que não mencionou a contribuição do mestre do batuque ou dos batuqueiros nesta questão. Isso demonstra que um mestre de maracatu nação pode possuir distintos papéis e poder de decisão dentro dos grupos; por vezes a figura central não está no mestre.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A música é parte fundamental dos maracatus nação. Ela possui todo um modo de fazer específico, como baques, toadas, que a caracteriza como sendo maracatu. Apesar desse modo de fazer específico, a música do maracatu pode variar de uma nação para outra, funcionando ainda como marco identitário de cada grupo, gerando sentimentos de pertença entre os maracatuzeiros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	O Maracatu Axé da Lua utiliza alfaias, caixas, taróis, gonguês e mineiros. Malu considera que apenas esses instrumentos são tradicionais no maracatu; o restante (abês e atabaques) são inovações que podem contribuir para uma futura descaracterização da manifestação. As alfaias do grupo podem ser de compensado ou macaíba, com aros de compensado ou jenipapo (este último é considerado de maior qualidade, porém seu custo é muito alto) e cordas de sisal. (Para mais informações sobre os instrumentos dos maracatus nação, vide fichas de ofícios e modos de fazer desse INRC).
QUEM PROVÊ	As alfaias são confeccionadas por Malu com a ajuda de seus batuqueiros. O restante dos instrumentos é comprado em lojas especializadas ou com artesãos de instrumentos. Os batuqueiros do Axé da Lua não precisam comprar seus instrumentos, eles utilizam os do próprio maracatu durante os ensaios e apresentações e depois devolvem ao maracatu.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Assim como a música, dança e figurino, os instrumentos são essenciais dentro do maracatu. Além disso, os instrumentos utilizados por cada nação de maracatu e os modos de tocá-los conferem uma identidade cultural específica para os grupos.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	identidade cultural, preservação da tradição e mercado cultural.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR		SIM ☐ NÃO ☒ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐			
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO		DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☒ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐			

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

O Axé da Lua é membro da Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (AMANPE), desde a fundação da instituição em 2009.

13. BENS ASSOCIADOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	02	12	F40	01
--	----	----	----	----	-----	----

Sítio (23)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Obrigações Religiosas	2
Arreamar	3
Baiana de cordão, ou chitão, ou catirina	4
Baiana rica	5
Baque	6
Batuque	7
Calunga	8
Cortejo	9
Dama do Paço	10
Dança	11
Figurinos e Fantasia	12
Lanceiro	13
Pajens	14
Porta-Estandarte	15
Porta-Pálio	16
Rei e Rainha	17
Toada/Loa	18
Alfaia/Bombo	19
Batuqueiro	20
Caixa/Tarol	21
Gonguê	22
Mestre de Batuque	23
Mineiro/Ganzá	24

Recife (14)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Abertura do Carnaval	1
Carnaval do Recife	5
Ensaio com Naná Vasconcelos	6
Festa de Aniversário	7
Noite dos Tambores Silenciosos	8
Terça Negra	9

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	02	12	F40	01
--	----	----	----	----	-----	----

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Recife	11
Pátio de São Pedro	12
Bairro do Recife	50
Mercado de São José	52
Passarela	53
Pátio de São Pedro	54
Pátio do Terço	55
Sítio de Pai Adão	57

Olinda (06)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Carnaval de Olinda	1
Noite Para os Tambores Silenciosos de Olinda	2
Sede do Maracatu Nação Axé da Lua	3
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda	7
Maracatu Nação Axé da Lua	8
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Olinda	13

Igarassu (0)

Jaboatão (0)

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

02

12

F40

01

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

CARVALHO, Ernesto Ignácio de. Diálogo de negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007. 145 p. (anexo 1 nº: 157)

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros**: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias. Recife, 1930-1945. Recife: Edições Bagaço, 2008. (anexo 1 nº: 40)

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África**. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História da UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010. 420 p. (anexo 1 nº: 176)

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2

Registro número: 841,844,895,914,935,986,1015,1036,1060,1077

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2

Registro número:

226,227,228,229,547,548,549,550,551,552,553,554,555,556,557,781,782,783,784,785,786,787,789,790

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**QUESTIONÁRIOS ANALISADOS**

Entrevista realizada com José Maria de Farias, a partir de roteiro elaborado pela equipe de pesquisa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	PE	01	02	12	F40	01
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		
REDATOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		DATA 26/10/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen		